

A dark, monochromatic photograph of a bird's wing and tail feathers, with the text 'ANJO NEGRO' overlaid in white. The background is a textured, dark surface, possibly a wall or a piece of fabric, with a faint, repeating pattern of small, light-colored shapes. The lighting is dramatic, highlighting the intricate details of the feathers.

ANJO NEGRO

Governo do Rio de Janeiro e Secretaria de Estado de Cultura *apresentam*

# ANJO NEGRO

*ópera de* João Guilherme Ripper

*baseada na obra de* Nelson Rodrigues

Concepção e Direção Cênica      Regência  
André Heller-Lopes      Abel Rocha

Figurinos Marcelo Marques

Iluminação Fabio Retti

Visagismo Ulysses Rabello

Projeto Gráfico Angélica de Carvalho

Direção de Produção Amanda Menezes

Coordenação Geral Maria Angela Menezes

Realização

Tema Eventos Culturais

---

Governo do Rio de Janeiro

Governador Sergio Cabral

Vice-Governador Luiz Fernando Pezão

Secretaria de Estado de Cultura

Secretária de Estado de Cultura Adriana Scorzelli Rattes

Subsecretária de Ação Cultural Bia Caiado

Subsecretária de Relações Institucionais Olga Campista

Subsecretário de Planejamento e Gestão Mário Cunha

Superintendente de Artes Eva Doris Rosental

Diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage Claudia Saldanha

Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira

Superintendência Geral Ricardo Levisky

Direção Artística Fernando Bicudo e Pablo Castellar





# ANJO NEGRO

Foi num curso de teatro que conheci o Anjo Negro. Se é verdade que há compositores com os quais sentimos uma conexão imediata, a 'música' do texto de Nelson tocou-me imediatamente e nunca mais deixou meus ouvidos. Essa fascinação – especialmente pelas tragédias 'míticas' – talvez esteja relacionada ao profundo amor que Nelson nutria por ópera. Eu e ele nos encontramos à sombra da minha grande paixão; arte com a qual me conecto com o mundo.

Obras como o Anjo têm vocação nata para libreto de ópera. Foi escutando esse 'clamor' que propus ao CCBB criarmos esta que se tornou a primeira ópera baseada em Nelson Rodrigues. Na época (uma década atrás!) ecoava em mim a música de Domitila, mini-ópera que Ripper compusera para outro projeto meu; e tão emocionante foi o resultado que estava claro ter achado um verdadeiro compositor para óperas brasileiras. Deste primeiro Anjo, guardo uma memória curiosa, quase nublada, como se outros encenassem uma outra ópera. Mudamos? "Encaretamos" ou amadurecemos? Continuo acreditando que o Anjo Negro do título é Virginia; um anjo da morte, mulher alva e linda cuja alma é sombria e torturada pelo desejo. No entanto, não vejo mais a necessidade de explicar cada meandro do texto, cada símbolo desse mito brasileiro.

Esta 'nova' partitura inspira-me algo mais voltado para aquela que para mim é a questão principal da trama: um desejo proibido, mas inevitável e incontornável, tendo o preconceito racial como pano de fundo. Adoro cada vez mais essa música que consegue emocionar sendo tecnicamente tão refinada. Adoro igualmente reencontrar esta ópera ao lado de um elenco que reúne o que há de melhor em várias gerações do canto lírico no Brasil. Temos ópera e cantores líricos brasileiros! Que bom fazer ópera ao lado dos parceiros de sempre: a Tema, meus 'anjos da guarda' Juliana e Menelick, Marcelo Marques e Fábio Retti, minha verdadeira família artística. Esta nova estreia foi possível graças à confiança da Secretaria de Cultura do Rio, da FUNARJ e da acolhida da EAV, nesta que já foi a casa da grande cantora lírica Gabriella Besanzoni.

Somos como um famoso exemplo da filosofia pre-socrática: *o homem não passa duas vezes pelo mesmo rio; ainda que fossem as mesmas águas, não seria o mesmo homem.* Convido-os a esse mergulho na ópera!

**Andre Heller-Lopes**

A ópera Anjo Negro que assistiremos esta noite é resultado de um processo criativo que começou em 2002, quando recebi a sugestão de André Heller-Lopes e a encomenda do Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo para escrevê-la. O texto de Nelson Rodrigues representou, de início, um monumental desafio musical e psicológico com sua trama recheada de crimes, perversões e obsessões. Depois de ler e reler, decidi abordá-lo como uma peça mítica, conforme indicado pelo próprio autor, e passei a ver em Ismael o impiedoso Zeus negro, em Virginia, Medeia que mata seus filhos e, em Ana Maria, Perséfone seduzida pelo pai e Electra em seu desejo de destruir a mãe. Além disso, toda a estrutura de uma tragédia grega encontrava-se lá, inclusive os coros que comentam a ação. A primeira versão da ópera Anjo Negro estreou em julho de 2003 no CCBB paulista, com direção de André Heller-Lopes e direção musical de Abel Rocha.

Este ano, recebi o honroso convite de Adriana Rattes, Secretária de Estado de Cultura, para encenar Anjo Negro na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, nas comemorações do centenário de Nelson Rodrigues. A parceria fundamental da Orquestra Sinfônica Brasileira Ópera & Repertório para a realização do espetáculo ensejou meu retorno à partitura a fim de, inicialmente, ampliar a orquestração, originalmente escrita para um pequeno grupo de câmara. Entretanto, durante o trabalho passei a fazer mudanças mais profundas, cortando antigos trechos e criando outros com o intuito de melhorar transposição do tempo dramático do texto de Nelson para o tempo dramático da ópera. Acabei reescrevendo grande parte da obra, criando uma nova versão na qual o desenrolar da história é mais fluente que na versão apresentada em 2003. O caráter eminentemente teatral do texto ficou preservado nos diálogos originais cantados sobre estruturas musicais baseadas na repetição variada de fragmentos rítmico-melódicos, enquanto os momentos indubitavelmente operísticos escritos por Nelson tornaram-se árias, duetos e outros conjuntos.

Assim, trata-se na prática de uma nova estréia, desta vez no Rio. Em comum com a versão original, temos a direção cênica de André Heller-Lopes e a direção musical de Abel Rocha, agora à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira Ópera & Repertório.

**João Guilherme Ripper**



## JOÃO GUILHERME RIPPER

---

Cursou mestrado em Composição na Escola de Música da UFRJ e doutorado na The Catholic University of America, em Washington. É professor de Composição da Escola de Música da UFRJ, instituição que dirigiu de 1999 a 2003.

Venceu o I Concurso de Composição da Rio Arte em 1996 e o recebeu prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte em 2000 por sua ópera "Domitila". Trabalhou como compositor em residência no 39º Festival Internacional de Campos do Jordão, em 2008, e na Kean University, em 2011-2012. Colabora com as principais orquestras brasileiras. Escreveu para a OSESP "Desenredo" em 2008 e "Cinco poemas de Vinicius de Moraes", que estreará em maio de 2013. Sua ópera "Piedade" foi encomendada pela Orquestra Petrobras Sinfônica e encenada em abril de 2012. É membro da Academia Brasileira de Música e diretor da Sala Cecília Meireles, espaço da Secretaria de Estado de Cultura. Sua gestão tem sido marcada pela qualidade e diversidade da programação, encomenda de novas obras, além da ampla reforma atualmente em curso.



## ANDRÉ HELLER-LOPES

---

Ganhador, por dois anos consecutivos, do Prêmio Carlos Gomes de melhor diretor cênico de ópera, o carioca André Heller-Lopes é dono de uma trajetória ímpar no Brasil. Especializado em ópera e professor da UFRJ, recebeu o título de Doutor pelo Kings College de Londres, num trabalho inédito sobre a Ópera Nacional Brasileira. Espetáculos como Ariadne em Naxos (TMSP), foram descritos como "...impactante, simples, arrojado e bem-humorado" (Folha de SP) e "demonstra ser possível inovar com bom senso e bom gosto" (O Estado de SP). A Tosca, em Salzburgo, foi descrita como um "retumbante sucesso", colhendo elogios de público e crítica. Dentre seus compromissos mais recentes destacam-se a estréia na Argentina com Rigoletto, a Tragédia da Piedade (TMRJ), novas produções de Nabucco (Palácio das Artes - BH, TMRJ, Festival Amazonas de Ópera e TMSP), Die Walküre e Götterdämmerung (TMSP) e a estréia brasileira de Sonho de uma Noite de Verão, projeto ganhador do Britten 100 Award.



## ABEL ROCHA

---

Diretor artístico do TMSP e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal, Abel Rocha é um especialista em ópera cuja dedicação a este gênero não o afastou de outras formas do fazer musical, tendo atuação versátil e diversificada a frente de diferentes espetáculos cênicos como balés e peças de teatro, além de uma marcante passagem pela música popular, em diversos shows e musicais.

Com intensa atuação no universo operístico, foi o responsável pela regência e direção musical de diversos títulos dos mais importantes compositores do gênero, como Monteverdi, Handel, Mozart, Rossini, Donizetti, Verdi, Bizet, Puccini, Schönberg e Debussy, além de fazer estréias de obras de compositores brasileiros como João Guilherme Ripper e Ronaldo Miranda.

Em sua atividade como regente atuou nos últimos anos à frente de importantes orquestras brasileiras, como a OSB, a Sinfônica de Porto Alegre, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (DF), e a Osesp, entre outras.



## ELENCO



**Virgínia** Luisa Francesconi  
**Ismael** David Marcondes  
**Elias** Marcos Paulo

**Senhores | Carregadores** Fabrizio Claussen  
Murilo Neves  
Frederico de Oliveira

*participação especial*  
**Tia** Ruth Staerke

**Primas | Senhoras** Flavia Fernandes  
Máira Lautert  
Carolina Faria

*apresentando*  
**Ana Maria** Michele Menezes (*sábado*)  
Dafne Boms (*domingo*)

## OSB ÓPERA & REPERTÓRIO

### Violinos

Michel Bessler *spalla*  
Pablo de León *spalla*  
Angélica Alves  
Luzer Machtyngier  
André Cunha  
Ubiratã Rodrigues  
Kleber Vogel  
Virgilio Arraes Filho  
Sergio Struckel  
Karolin Rosalie Broosch\*  
Fabio Peixoto\*

### Violas

Nayran Pessanha  
Bernardo Fantini  
Déborah Cheyne  
Ivan Nirenberg  
Helena I. Buzack

### Violoncelos

David Chew *solista*  
Fernando Bru *concertino*  
Luiz Carlos Hack

### Contrabaixos

Rudolf Kroupa *solista*  
Saulo Melo *concertino*  
Alexandre Brasil  
Ernesto Gonçalves

### Flautas | Flautim

Renato Axelrud *solista*  
Carlos Alberto Rodrigues *flautim*

### Oboé | Corne Inglêss

Francisco Gonçalves

### Fagotes | Contrafagotes

Paulo Andrade  
Mauro Ávila *contrafagote*

### Clarinete

José Batista Junior\*

### Trompa

Josué Soares

### Trompetes

David Alves *solista*  
Flávio Melo *solista*  
Nilson Coelho

### Trombones

Marco Della Favera *solista*  
Elber Ramos Bonfim  
Antonio Henrique Seixas *trombone baixo*

### Tuba

Eliézer Rodrigues *solista*

### Tímpanos

Lino Hoffmann *solista*

### Percussão

André Frias  
Tiago Calderano\*

*\*Músicos contratados para este concerto.*

## SINOPSE

ATO I - Cena 1

O corpo de um menino negro é velado por grupo de mulheres e homens. É o terceiro filho do casal Ismael, médico negro, e Virgínia, mulher branca, que morre; afogou-se de forma inexplicável. O cego Elias, meio irmão de Ismael, chega e pede para ficar morando na casa, mas é recebido com aspereza. É permitido que fique apenas até o dia seguinte. > O caixão já vai sair e o coro entoia uma Ave Maria. Ismael repreende a frieza da mulher: nem mesmo uma lagrima ante a morte do filho. Virgínia reclama por ser mantida como prisioneira entre os muros altos da casa, sem ver outro rosto que não o de Ismael; até mesmo um quadro de Jesus lhe é recusado. Ismael avisa que voltará à noite para procurar a mulher e gerar um novo filho - que não morra como os outros.

ATO I - Cena 2

Acreditando estar sozinho, Elias vaga pela casa e é visto por Virgínia. Maravilhada, ela reconhece o irmão branco e cego do marido. A visão de um rosto novo e branco desperta na mulher o desejo, e ela decide vingar-se de Ismael seduzindo este "Cristo cego" e engravidando de um filho que será branco - e que não morrerá como os outros. Ela conta como uma prima suicidou-se depois de ver o noivo e Virgínia beijando-se. Por vingança, a mãe da moça, sua Tia, permitiu que Ismael a violasse, e depois se casasse com ela. Eles se beijam e Virgínia o leva para seu quarto.

ATO II

A Tia chega para o enterro, junto com as três primas virgens. Elas surpreendem um homem deixando o quarto de Virgínia, e acusam-na de ter um amante. Surdas às explicações dela, contam tudo a Ismael. Para impedir que o marido mate a criança quando esta nascer, Virgínia aceita atrair Elias para ser morto por Ismael. Ao ouvir o tiro, a Tia e as primas acreditam ser Virgínia quem morreu.

### INTERVALO

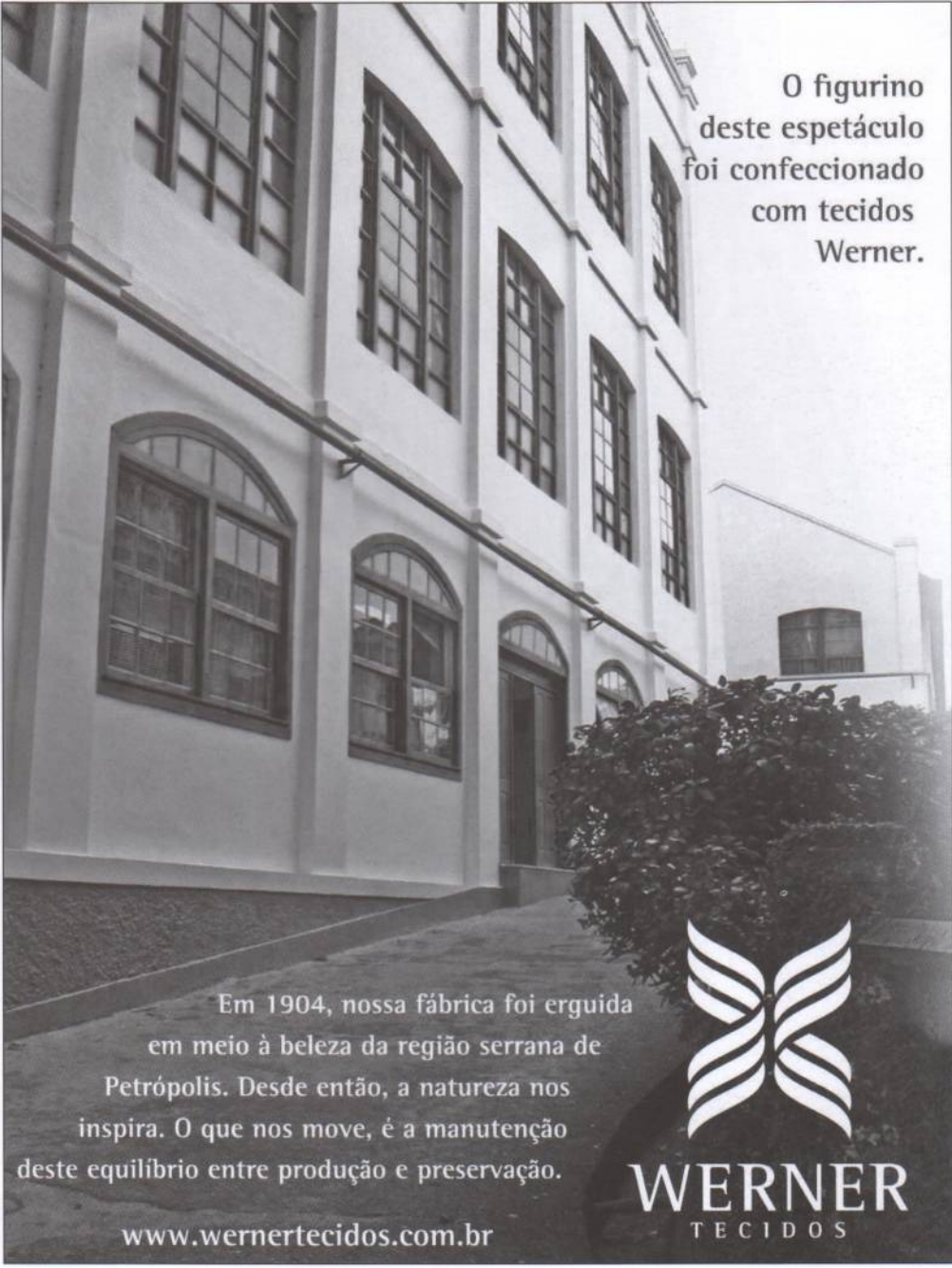
ATO III - Cena 1

Dezesseis anos mais tarde. Nasceu uma menina branca, Ana Maria, a quem Ismael cegou quando era muito pequena, fazendo-a crer que ele é o único homem branco do mundo. > Gritos vindos de uma fonte vizinha à casa acordaram Virgínia e Ismael. Uma violenta discussão entre o casal é interrompida pela aparição de carregadores com o corpo da mulher que ouviram gritar, assassinada por um louco "de seis dedos em cada mão". Atrás da morta, uma mulher velha e visivelmente transtornada revela ser a Tia de Virgínia. A morta é, em realidade, sua última filha. A Tia explica que, para que não morresse virgem como as outras, lhe enviara ao poço à procura deste homem. Os gritos da mulher violada assustaram o louco, que a matou para que se calasse. A tia segue o cadáver da filha, mas antes amaldiçoa Virgínia. Ismael permite que a esposa converse sozinha com a filha por três noites.

ATO III - Cena 2

Ana Maria recusa-se a acreditar no diz sua mãe, especialmente que seu pai seja negro: "Preto, meu pai?! Ele não, os outros sim!" Virgínia tenta de todas as formas convencer a filha a fugir, falando-lhe que há muitas coisas além daquela casa. Numa ária de comovente beleza, ela fala do mar e dos barcos e descreve à filha cega os homens louros, de "cabelos anelados" que poderiam, juntas, conhecer. Para sua surpresa, Ana Maria diz já ter conhecido esse tipo de amor através do próprio pai, a quem ama como mulher. Virgínia ameaça a filha mas a chegada de Ismael impede que faça qualquer coisa. Ante a ameaça de perder Ismael, Virgínia percebe que em verdade sempre amou o marido - mesmo quando dizia odiá-lo. Para espanto de Ismael, confessa que sempre o desejou: sua pele negra, seu suor mesmo, causavam nela uma mistura de ódio, desejo sexual e loucura. Também Ismael percebe que este sim é o único 'amor' verdadeiro, e não o que Ana Maria pensa ter por um homem branco que nunca existiu. Ismael e Virgínia sacrificam a menina cega e branca. > Um coro grego anuncia que um futuro anjo negro nascerá, e que morrerá como os outros. O amor e o ódio de Virgínia e Ismael não tem fim.





O figurino  
deste espetáculo  
foi confeccionado  
com tecidos  
Werner.

Em 1904, nossa fábrica foi erguida  
em meio à beleza da região serrana de  
Petrópolis. Desde então, a natureza nos  
inspira. O que nos move, é a manutenção  
deste equilíbrio entre produção e preservação.

[www.wernertecidos.com.br](http://www.wernertecidos.com.br)



**WERNER**  
TECIDOS

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Outubro|2012

dia 20<sub>20h</sub> e dia 21<sub>19h</sub>

Assistente de direção cênica

Julianna Santos

Assistente de direção musical e pianista ensaiadora

Priscila Bomfim

Assistente do compositor

Thiago Sias

Direção de palco

Menelick de Carvalho

Assessoria de imprensa

Érica Avelar

Assistente de figurino

Tiago Luna

Assistente de projeto gráfico

Aline Mielli

Produção executiva

Fernanda Soriano

Assistentes de produção

Juliana Cabral e Maurício von Helde

Assistentes de maquiagem

Carolayne Muniz, Eroise Quadra e Vanúzia Nova Innocente

Camareira

Conceição Teles

Agradecimentos

Cheyenne Pereira, Clarisse Rivera, Fernando Bicudo,  
Pablo Castellar, Ricardo Levisky, Sassá Samico  
e Wilton Araujo.

Patrocínio



SECRETARIA  
DE CULTURA

Realização

**tema**  
EVENTOS CULTURAIS

Apoio Institucional



AMEAV

Apoio

